

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

CONVERSAÇÕES INTERDISCIPLINARES: as possibilidades de mediações pelo texto clássico filosófico

Claudia da Silva Kryszczun¹
Eder Soares Santos²

Resumo

O presente artigo é fruto das pesquisas realizadas no decorrer do PDE - Programa de formação continuada da SEED/PR, e parte da perspectiva que o ensino de filosofia na educação Básica tem por especificidade proporcionar o acesso à leitura, em sala de aula, de textos clássicos filosóficos, e os conceitos neles inseridos. O acesso aos conceitos e problemas que os geraram auxiliam o desenvolvimento de uma escrita própria dos estudantes. Para pensar como concretizar o ensino de filosofia, a partir de sua especificidade, buscamos parcerias com professores de filosofia da rede estadual de Educação, por intermédio do GTR (Grupo de Trabalho em Rede) e de professores de diversas disciplinas do Colégio Estadual Polivalente, a partir do Grupo de Estudo (GE), para pensarmos as possibilidades de interdisciplinaridades mediado pelos textos clássicos filosóficos e relatados na última seção desse artigo. O GTR ocorreu com a participação dos professores pela plataforma de aprendizagem *MOODLE* e o GE de forma presencial. No decorrer dessa formação continuada diversos interlocutores participaram dessas conversações interdisciplinares: Comunidade Escolar do Colégio Polivalente; professores de filosofia da rede estadual de educação e de diversas disciplinas do próprio Colégio; e professores da Universidade Estadual de Londrina. Os referenciais escolhidos para participarem dessas conversações foram: o filósofo francês Gilles Deleuze, com a concepção de filosofia como criação conceitual; o professor Silvio Gallo, para pensar o “método regressivo” no ensino de filosofia; e a educadora Ivani Fazenda, para pensar a interdisciplinaridade. Acredito que a problemática foi enfrentada com possibilidades de aplicação dessas estratégias interdisciplinares para o próximo ano letivo.

¹ Professora Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (1999). Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea: aspectos éticos e políticos pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é professora concursada 2005 - Secretaria Estadual de Educação/PR e supervisora do subprojeto de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Tem experiência na área do ensino em Filosofia e pesquisa em História da Filosofia Contemporânea; confecção de materiais para formação de docentes na área de ciências humanas; supervisora de campo de estágio em licenciatura em Filosofia., claufile@yahoo.com.br

² Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1997), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2001), doutorado sanduíche em Filosofia - Universitat Freiburg (Albert- Ludwigs) (2005) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas/SP (2006). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia da psicanálise, fenomenologia existencial, teoria dos paradigmas em Kuhn, teoria do amadurecimento pessoal. Publicou o livro "Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos". São Paulo: DWW Editorial/FAPESP, 2001. Atualmente é professor adjunto e coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina - Paraná. edersan@uel.com

Agradeço a todos os amigos e amigas que nos ajudaram-na conclusão desse trabalho, em especial, as amigas PDE Thaise Fabrim Pontes Gomes, Eva Okawati, e as amigas Polivalente Maria Evilma Moreira e Nilda Rodrigues.

Palavras-chave: Leitura; Criação conceitual; Interdisciplinaridade; Ensino de filosofia; Método Regressivo.

Introdução

“não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (Deleuze, 1992, p. 220)

A Secretaria de Educação do Paraná (SEED/PR) nos proporcionou pelo programa PDE (Programa de Desenvolvimento da Educação) afastamento da sala de aula por um ano (2016) e parcialmente em 2017. No decorrer desse período nos dedicamos aos estudos e pesquisas, a partir de problemas e desafios contemporâneos da escola pública do Paraná, em especial da escola de nossa atuação, Colégio Estadual Polivalente, guiado pelo projeto de pesquisa apresentado no início da primeira etapa do PDE e aprovado pelo Conselho Escolar do Colégio e implementado no primeiro semestre desse ano. Essa formação promoveu a troca de experiências entre professores atuantes na educação básica e professores das universidades estaduais.

Com esse tempo de afastamento para estudos promovido pela SEED/PR, houve a possibilidade de realizarmos pesquisas teóricas, tanto na área de filosofia, quanto na área de educação, para subsidiar a reflexão a respeito de nossas práticas e dos problemas e desafios do ensino médio público, em especial, na disciplina de filosofia, que nos propusemos a pensar. Sem esse afastamento de sala de aula, com carga horária de quarenta horas semanais, seria difícil o desenvolvimento dessa pesquisa e relato de experiência.

Para concluirmos essa formação proposta pelo PDE foi preciso passar por quatro etapas (quatro semestres). O presente artigo tem por objetivo registrar os resultados de pesquisa teórica orientada pelo professor Dr. Eder Soares Santos vinculado a IES (Instituição do Ensino Superior) conveniada, Universidade Estadual de Londrina, bem como fazer o relato de experiência do Grupo de Estudos em Rede (GTR), um espaço criado na internet através da plataforma *Moodle*³ em que, a partir de textos, vídeos selecionados e do projeto de intervenção, ocorreram as

³ *Moodle (Modular Object Oriented Distance LEarning)* sistema de ensino online utilizado pela SEED/PR para proporcionar o diálogo entre professores atuantes na mesma disciplina e proposto pelo professor PDE e seu orientador.

conversações com nossos pares, ou seja, professores de filosofia atuantes em escolas públicas paranaenses de diferentes localidades. Outro importante momento foi a constituição de um Grupo de Estudos presencial - “Conversações Interdisciplinares” – para efetivar a implementação do projeto no Colégio Estadual Polivalente, na cidade de Londrina/PR. Com esse grupo de estudos os professores de diversas disciplinas tais como: filosofia; sociologia; arte; história; matemática; física Sistema Estruturais (edificações) e língua portuguesa; se inscreveram de forma voluntária para pensarmos estratégias para ações coletivas de interdisciplinaridade.

O Grupo de estudos foi instituído nos moldes dos cursos de formação continuada promovidos pelo MEC – Ministério da Educação, chamado de *Pacto Nacional pelo fortalecimento do Ensino Médio*⁴. O Pacto foi uma formação continuada na própria escola em que todos os professores foram efetivamente participantes e se debruçaram a pensar coletivamente os problemas da própria escola e das políticas públicas nacionais. Com o término do *Pacto*, O Grupo de estudo ocupou esse espaço e tempo já criado no interior da escola para formação continuada, ou seja, fora do horário de atuação desses profissionais da educação, para pensar, conversar, pesquisar, estudar e trocar experiências, olhares, conhecimentos a respeito das possibilidades de interdisciplinaridade intermediada pelos textos clássicos filosóficos.

O presente texto está dividido em três partes: A primeira - O projeto, a escolha da linha de pesquisa e definição dos problemas que iríamos pesquisar, dentre os vários desafios a serem enfrentados, e a função social da escola, apoiada nas Leis e Diretrizes Federais e Estaduais e na implementação e mudanças ocorridas nas políticas públicas nacionais; Segunda parte – A pesquisa a respeito do método regressivo e do ensino de filosofia; Terceira etapa – relato de Experiência do GTR e GE; E as considerações finais.

⁴ “O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, instituído pela [Portaria nº 1.140, de 22 de novembro de 2013](#), representa a articulação e a coordenação de ações e estratégias entre a União e os governos estaduais e distrital na formulação e implantação de políticas para elevar o padrão de qualidade do Ensino Médio brasileiro, em suas diferentes modalidades, orientado pela perspectiva de inclusão de todos que a ele tem direito”. http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5

1. O projeto

No primeiro semestre do PDE houve a necessidade da escolha da linha de pesquisa que pautaria nossos estudos teóricos a respeito de problemas reais da escolha pública paranaense. “O Ensino de Filosofia: concepções metodologia e o uso de texto clássico” foi a linha de pesquisa selecionada após diálogos com os diversos segmentos da comunidade escolar, que entenderam que a filosofia enquanto disciplina, poderia contribuir com o desenvolvimento da leitura dos estudantes. Esses diálogos ocorreram, nesse primeiro período, através das visitas de observações no Colégio Estadual Polivalente e entrevistas informais com professores de várias disciplinas escolares, em especial de filosofia (da própria escola e mais trinta do NRE⁵ de Londrina), com a equipe pedagógica e diretiva e reuniões com o Conselho Escolar⁶ ficando definido que o projeto a qual elaboraríamos seria orientado por essa linha de pesquisa.

Nessas observações da escola e diálogos com os diversos segmentos colegiados percebemos que muitos colegas desconheciam a especificidade do ensino de filosofia e como ela enquanto disciplina poderia contribuir para a formação humana e integral dos estudantes do ensino médio. Por isso, além da leitura de textos filosóficos em sala de aula foi inserida a discussão sobre a possibilidade de interdisciplinaridade mediada pelo texto, para assim ampliar a participação dos professores de outras disciplinas no grupo de estudos, que foi constituído na terceira etapa do PDE e com isso somar forças para futuras lutas que a filosofia irá enfrentar com as novas políticas públicas nacionais para a educação, que preveem mudanças para o ensino de filosofia na educação básica.

A dificuldade de leitura dos estudantes e a necessidade do trabalho de forma coletiva e em parcerias interdisciplinares foram os problemas mais relatados nessas

⁵ Núcleo Regional de Ensino de Londrina/PR, durante a formação continuada por disciplina em fevereiro de 2016.

⁶ Órgão colegiado composto por representantes de todos os segmentos da Comunidade escolar e segundo o portal do MEC “Os conselhos escolares são constituídos por pais, representantes de alunos, professores, funcionários, membros da comunidade e diretores de escola. Cada escola deve estabelecer regras transparentes e democráticas de eleição dos membros do conselho. Cabe ao conselho zelar pela manutenção da escola e monitorar as ações dos dirigentes escolares a fim de assegurar a qualidade do ensino. Eles têm funções deliberativas, consultivas e mobilizadoras, fundamentais para a gestão democrática das escolas públicas. <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32663>

entrevistas. Porém, apesar de pensar, pesquisar a respeito do ensino de filosofia, a implementação pedagógica ocorreu com professores, com a expectativa de colocar em prática com estudantes de ensino médio no próximo ano letivo, através da elaboração de um plano de ação com os professores participantes do grupo de estudos. E uma das possibilidades de enfrentamento desses problemas foi pensar estratégias interdisciplinares mediado pelo texto clássico filosófico. Entendendo o acesso aos conceitos inseridos nesses textos como especificidade do ensino de filosofia na educação básica.

Desde o início do PDE à conversação esteve presente. Mas o que é uma conversação? O filósofo francês contemporâneo definiu como uma conversa permanente, no prefácio do seu livro *Conversações* (1992) afirma que: “certas conversações duram tanto tempo, que não sabemos mais se ainda fazem parte da **guerra** ou já da **paz**” (*grifo nosso*, DELEUZE, 1992, prefácio). Essa foi a inspiração para o título desse artigo. Acreditamos que o presente trabalho foi só o início de uma conversa permanente, que mesmo com as mudanças nas políticas educacionais federais “guerra” em que a filosofia perde o *status* de disciplina e é transformada em estudos e práticas, mudanças essas que ainda não estão claras para os profissionais da educação de como se efetivará o ensino de filosofia na educação básica, após essas novas configurações das políticas educacionais nacionais; seja na “paz”, isto é, na esperança de conseguirmos implementar esse plano de ação interdisciplinar, fruto da construção coletiva, indo ao encontro da demanda que a comunidade escolar apontou, a leitura com os estudantes e por consequência a melhoria do repertório conceitual para a escrita própria qualificada possibilitada pela interdisciplinaridade.

Em meio às incertezas não podemos esquecer que o papel principal da escola é oportunizar o acesso dos estudantes aos conhecimentos sistematizados, ou seja, construídos historicamente pela humanidade. Esse é um desafio que deve ser perseguido, não importando a classe social a qual pertencem esses estudantes. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

É preciso reconhecer que a escola se constitui no principal acesso ao conhecimento sistematizado, tal como produzido pela humanidade ao longo dos anos. Assegurar essa possibilidade, garantindo a oferta de educação de qualidade para toda a população, é crucial para que a possibilidade de transformação da sociedade seja concretizada (BRASIL, 2013, p. 167).

Diferente das atuais políticas educacionais nacionais as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE/PR) – assumem a concepção de currículo disciplinar e a escola como esse lugar onde os estudantes tem a possibilidade de contato com os conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos. Os estudantes das classes menos favorecidas economicamente têm essa oportunidade atrelada, quase exclusivamente, à escola.

Assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que têm nela uma oportunidade, algumas vezes a única, de acesso ao mundo letrado, do conhecimento científico, da reflexão filosófica e do contato com a arte (PARANÁ, 2008, p. 14).

No decorrer do PDE, com as observações e pesquisas tenho a mesma convicção do professor Newton DUARTE a respeito da compreensão de que a função primordial da escola é a socialização dos saberes historicamente produzidos. E sua afirmação se dá à luz da pedagogia histórico-crítica, pedagogia essa adotada pelas DCE - SEED/PR, mas muitas vezes não posta em prática. Os estudantes, principalmente das escolas públicas, não devem ser privados dos saberes que podem intensificar a compreensão das contradições sociais. Ele afirma que:

[...] o papel da escola consiste em socializar o saber objetivo historicamente produzido. Não se trata de defender uma educação intelectualista nem de reduzir a luta educacional a uma questão de quantidade maior ou menor de conteúdos escolares. A questão é a de que, ao defender como tarefa central da escola a socialização do saber historicamente produzido, a pedagogia histórico-crítica procura agudizar a contradição da sociedade contemporânea, que se apresenta como a sociedade do conhecimento e que, entretanto, ao contrário do que é apregoado, não cria as condições para uma real socialização do saber. (2001, p. 29-30)

Acreditamos que a disciplina de filosofia possa contribuir na socialização desses saberes ao colocar em destaque nas suas aulas o que há de mais específico no saber filosófico, que são os conceitos presentes nos textos filosóficos clássicos, bem como os problemas que mobilizaram a sua existência em um dado momento histórico, para que o estudante entenda que os conceitos são criados historicamente e podem ser recriados na medida que surjam novos problemas. Mas para isso é preciso compreender como esses conceitos são criados, para que os estudantes não

fiquem a mercê da imposição de simulacros conceituais como os difundidos nas mais diversas mídias.

Creio que o pensamento filosófico nunca teve um papel tão importante quanto hoje, porque está se instalando todo um regime não só político, mas cultural e jornalístico, que é uma ofensa a todo pensamento. (DELEUZE, p. 46, 1992).

Diferente do novo desenho que se apresenta para o Ensino Médio, que retira do estudante a oportunidade de acesso à filosofia, enquanto disciplina escolar, presente de forma obrigatória por força de lei n.º 11.684 de junho de 2008, nas três séries do ensino médio. E institui a partir da nova lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, uma nova Base Nacional Comum Curricular onde a filosofia é transformada em estudos e práticas. “§ 2.º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia” (Artigo 35 A). E apesar do termo obrigatoriedade, aparentemente positivo, passando a ideia de uma permanência da filosofia nos currículos do ensino médio, se camufla o esvaziamento do que há de mais profícuo no seu ensino, o acesso aos conceitos para ampliação do repertório conceitual dos estudantes para o exercício do protagonismo juvenil de fato e um simulacro de participação. A ANPOF⁷ publicou em sua página na *web* a respeito da filosofia como ensino e prática por intermédio do professor Silvio Carneiro:

Na arquitetura reformada do ensino médio, o significado da obrigatoriedade dos “estudos e práticas” da Filosofia (bem como dos demais conteúdos curriculares presentes nesta artimanha legal) é seu esvaziamento na formação estudantil. O decreto simplesmente retira do horizonte os anos de debate que consideram a Filosofia disciplina fundamental para a formação cidadã. (CARNEIRO, <http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/1073-a-filosofia-enquanto-estudos-e-praticas>)

Diferente dessa abordagem das políticas públicas nacionais é o tratamento conferido as disciplinas nas DCE/PR com suas especificidades, reforçando assim o tratamento disciplinar que “são entendidas como campos do conhecimento, identificam-se pelos respectivos conteúdos estruturantes e por seus quadros teóricos

⁷ A Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof) fundada em 1983. Essa associação visa promover e integrar os cursos de pós-graduação em Filosofia; defender os interesses das pós-graduações em filosofia junto aos órgãos competentes, bem como estimular, em todos os níveis, incluindo a educação básica e seu ensino na investigação filosófica no Brasil.

conceituais” (PARANÁ, 2008, p. 27), elas preveem que os conteúdos disciplinares possam, sempre que possível, serem trabalhados de forma contextualizada e estabelecendo possíveis relações interdisciplinares. Porém cabe frisar que **não se faz interdisciplinaridade sem disciplinas**.

Assim, o fato de se identificarem condicionamentos históricos e culturais, presentes no formato disciplinar de nosso sistema educativo, não impede a perspectiva interdisciplinar. Tal perspectiva se constitui, também como concepção crítica de educação e, portanto, está necessariamente condicionada ao formato disciplinar, ou seja, à forma como o conhecimento é produzido, selecionado, difundido e apropriado em áreas que dialogam (sic) mas que constituem-se em suas especificidades. (PARANÁ, 2008, p. 20)

Essa abordagem difere do que prescrevem as novas políticas educacionais nacionais, descrita na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que trabalham não com disciplinas, mas com componentes curriculares inseridos em quatro áreas: Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática (que ao mesmo tempo é área e componente). Porém, os professores se formam no curso de licenciatura em filosofia, física, química, geografia, educação física etc.). No Paraná, ainda vigora a organização disciplinar. A disciplina de filosofia é uma das doze disciplinas que compõem o currículo do ensino médio e que pode contribuir para a formação dos estudantes do ensino médio paranaense junto com as propostas de interdisciplinaridades.

No presente escrito defendemos o desenvolvimento de parcerias interdisciplinares intermediado pela leitura de textos selecionados da história da filosofia e seu contexto, proposto inicialmente pelo professor de filosofia em parceria com professores de diferentes formações acadêmicas, como uma possibilidade, assim como poderia partir de uma especificidade de qualquer outra disciplina do currículo, como uma obra de arte, um poema, uma prática esportiva dentre outras possibilidades.

Mas por que apesar das vantagens de unir forças para o trabalho pedagógico em conjunto, a interdisciplinaridade não ocorra com frequência nas práticas pedagógicas? Os professores do colégio apontaram alguns motivos para esse evento, dentre eles destacamos: o desconhecimento dos professores e equipe pedagógica, do que seria a interdisciplinaridade, uma vez que existem várias possibilidades de pensá-la e colocá-las em prática; a falta de tempo para planejamento e estudo, pois

essa prática exige mais planejamento em que todos os professores que se propuserem a trabalhar juntos precisam definir a sua atuação na prática pedagógica escolhida; um erro é tentar definir o como o outro professor deverá trabalhar na ação interdisciplinar, sem consultá-lo sobre o que ele compreende ser a sua melhor contribuição, ou se o mesmo que atuar nessas parcerias.

A falta da teoria, de tempo e imposição impedem um bom trabalho pedagógico interdisciplinar. Portanto, a interdisciplinaridade efetiva é rara nas escolas, por falta de tempo, conhecimento do conceito, e disponibilidade para propor parcerias necessárias para planejar e organizar esse trabalho interdisciplinar. Compreendemos que há a necessidade de um espaço permanente para a formação dos professores e para o planejamento dessas práticas tanto disciplinares, para que cada professor saiba a especificidade de sua disciplina, como uma fronteira bem definida para que a interdisciplinaridade possa ocorrer como um atravessar de fronteiras disciplinares e com isso contribuir para que a escola possa cumprir a sua função de socialização dos conhecimentos historicamente construídos. Nessa próxima seção definiremos, a partir dos referenciais teóricos o que compreendemos por filosofia, ensino de filosofia e interdisciplinaridade.

2. A filosofia, seu ensino e a interdisciplinaridade

A possibilidade de interdisciplinaridade, partindo do texto clássico filosófico é um dos objetivos dessa pesquisa, além disso iremos destacar o modo como entendemos a filosofia na perspectiva deleuzeana, e também o ensino de filosofia como oficinas de conceitos e possibilidades de trabalho nessa etapa da educação básica. Além dos referenciais já citados a minha experiência enquanto professora de ensino médio na disciplina estará presente. Leciono há mais de doze anos à disciplina de filosofia, no ensino médio da educação pública paranaense, e procuro, por meio das formações continuadas, estratégias para melhor atuar nessa modalidade de ensino, nunca perdendo o objetivo central que é a contribuição para a formação humana e integral dos nossos estudantes.

A interdisciplinaridade é o que iremos abordar, e como esse conceito foi adquirindo novos componentes. A interdisciplinaridade possui diversas definições, umas mais abrangentes, outras mais restritivas. É preciso a clareza nas concepções para uma melhor organização curricular e planejamento das ações interdisciplinares.

Uma definição, considerada clássicas⁸ e que está presente em diversos artigos científicos a respeito do tema é a compreensão “[...] no qual interdisciplinaridade é definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas”, (*apud* FAZENDA, 2008, p. 18), concepção que hoje pouco contribui para a organização de ações interdisciplinares efetivas. Porém outros artigos científicos desenvolvem o conceito acrescentando novos elementos com a definição que compreende “o trabalho interdisciplinar como aquele realizado por dois ou mais professores que conectam os saberes de suas disciplinas por meio do diálogo e da negociação” (HARTMANN; ZIMMERMANN, 2007, p. 1). Essa conceituação, um pouco mais abrangente, enfatiza a relevância do diálogo entre os saberes e a negociação entre os professores que desejam atuar na perspectiva interdisciplinar.

O trabalho na perspectiva interdisciplinar requer uma mudança de postura dos professores, pois além da necessidade do diálogo e negociação a humildade diante dos próprios limites e reconhecimento dos saberes que não dominam, enquanto formação inicial, mas que se dispõem a aprender, principalmente para garantir o direito dos estudantes ao acesso aos saberes que, muitas vezes, extrapolam as fronteiras disciplinares da nossa organização escolar ou que podem retomar a sua unidade inicial com a interdisciplinaridade, e constitui-se como uma importante estratégia, para organização dos conteúdos das disciplinas escolares.

[...] atitude de humildade diante dos limites do saber próprio e do próprio saber, sem deixar que ela se torne um limite; a atitude de espera diante do já estabelecido para que a dúvida apareça e o novo germine; atitude de deslumbramento ante a possibilidade de superar outros desafios; a atitude de respeito ao olhar o velho como novo, ao olhar o outro e reconhece-lo, reconhecendo-se; a atitude de cooperação que conduz às parcerias, às trocas, aos encontros, mais das pessoas que das disciplinas, que propiciam as transformações, razões de ser da interdisciplinaridade. Mais que um fazer, é paixão por aprender, compartilhar e ir além (TRINDADE, 2008, p. 73)

As parcerias pedagógicas, em que os professores de disciplinas diferentes se propõem a trabalhar coletivamente, visando uma melhor compreensão dos conteúdos escolares planejados para os estudantes do ensino médio. Essa não é uma tarefa mais fácil, pois é preciso estabelecer as conversações interdisciplinares e desenvolver

⁸ Essa definição clássica foi produzida em 1970 pelo Ceri — Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino —, órgão da OCDE (Documento Ceri/HE/SP/7009).

as parcerias com professores igualmente dispostos a assumir, que não dominam todos os conhecimentos das disciplinas escolares e que as parcerias na interdisciplinaridade são fundamentais.

O educador precisa sempre estar se apropriando de novos e infinitos conhecimentos. O tempo para isso é curto, como é curta a vida. A vida se prolonga na confluência das outras vidas que também são curtas, que também são breves, mas que juntas podem se alongar e assim se eternizar. Este é o sentido da parceria na interdisciplinaridade. (grifo da autora) (FAZENDA, 2010, p. 172).

A seguir iremos destacar a especificidade da filosofia, de acordo com as Diretrizes Estaduais da Educação, enquanto criação conceitual, numa perspectiva deleuzeana e da filosofia enquanto disciplina escolar no currículo do ensino médio e seu ensino e a possibilidade de interdisciplinaridade mediado pelo texto filosófico.

O ensino de filosofia pelas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE-Filosofia/PR) tem por objetivo o trabalho com conceitos filosóficos. Essa definição é fundamentada pela filosofia de Gilles Deleuze que deslocamos para pensar o ensino de filosofia. Para ele a filosofia tem uma função específica e que não pode ser praticada pelas ciências, artes, mídias e “que permanece perfeitamente atual, criar conceitos” (DELEUZE, 1992, p. 170, grifo nosso). A criação de conceitos não se efetiva ao acaso ou por determinismo, pois ela necessita do problema que a motive nessa tarefa de criação e re-criação conceitual.

A filosofia não é comunicativa, assim como não é contemplativa, nem reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou mesmo revolucionária, uma vez que não para (sic) de criar novos conceitos. A única condição é que eles tenham uma necessidade, mas também uma estranheza, e eles as têm na medida em que respondem a verdadeiros problemas. O conceito é o que impede que o pensamento seja uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma tagarelice (DELEUZE, 1992, p. 170).

Deleuze opera agenciamentos com filósofos elencados por ele para produzir o novo, para recriar desterritorializando e reterritorializando os componentes conceituais, criando e recriando novos conceitos e por consequência novos modos de vida, a partir do surgimento de novos problemas. No ensino de filosofia essa recriação ou criação do novo se dá na produção escrita dos estudantes, no contexto de uma educação menor, que trataremos mais adiante. Nesse processo de criação conceitual,

Deleuze recorre a história da filosofia. No entanto, essa seleção não ocorre de forma aleatória, mas os alvos são filósofos que possibilitam uma potência crítica e que não impedem o processo de criação e são esses nomeados por Deleuze como seus intercessores.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. [...] Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. (DELEUZE, 1992, p. 156).

Os intercessores elencados carregam essa força de tirar o pensamento da inércia. Foi o que fez com Espinosa e o livro V de sua *Ética*. A partir desse encontro Deleuze se propõem a pensar o diálogo com o terreno não filosófico, com a imanência e a importância do plano não filosófico para a constituição do pensamento filosófico. São esses bons encontros, para utilizar a linguagem espinosista, que contribuem para a construção da filosofia deleuzeana, sem eles a sua filosofia, como formulada, não seria possível.

A referência teórica pontua a filosofia na perspectiva deleuzeana, compreendendo que esses conceitos não surgiram do nada, mas dos problemas num dado contexto histórico. E para que haja a compreensão dos conceitos é fundamental ter acesso aos problemas que mobilizaram os filósofos para a sua criação conceitual no decorrer da história da filosofia. É nesse ponto que a leitura de textos clássicos filosóficos é importante, pois a disciplina de filosofia não pode prescindir da utilização desse instrumento como base de seu ensino. E isso é uma arma para enfrentarmos esses momentos conturbados de mudança onde a filosofia, para os grupos que pensam as políticas públicas, está sendo relegada a segundo plano (estudos e práticas). SACRISTÁN destaca a importância do ler para o desenvolvimento da racionalidade.

Ler é desenvolver a racionalidade, que é dinâmica e é exercida no fato de raciocinar, enquanto se dialoga com o lido. [...] Ler é desdobrar-se em si mesmo a reflexão de outro que significa o escrito, seguindo um processo em que se entrelaçam os argumentos próprios com os de outros, criando uma trama mental ao relacionar os significados, isto é, as leituras (2000, p. 47,).

Trabalhar com a leitura de texto filosóficos na sala de aula está de acordo com as DCE/PR de Filosofia, em que a leitura do texto clássico é tida como parte fundamental para o ensino da disciplina filosofia na educação básica, bem como a produção escrita dos estudantes, que também podem ser entendidos como a recriação conceitual, a partir de seus próprios problemas e do contexto histórico, no qual estão inseridos.

A leitura de textos clássicos filosóficos em sala de aula com a mediação dos professores com formação em filosofia e a conversação estabelecida com professores de outras disciplinas curriculares, isto é, a promoção de práticas interdisciplinares, mediada pelo texto filosófico selecionado, possam contribuir para a qualidade da educação ofertada aos estudantes da Educação Básica e assim estimular a escrita própria dos estudantes de forma qualificada tendo por suporte um repertório ou acervo dos diversos saberes historicamente produzidos e acumulados e selecionados através da participação da comunidade escolar e registrado no projeto político pedagógico da escola.

É no ambiente escolar o terreno propício para estabelecermos as parcerias pedagógicas interdisciplinares para que a conversação entre a filosofia e as demais disciplinas do ensino médio possa contribuir para a formação humana e integral dos estudantes. Sem operar o cerceamento do horizonte de possibilidades de acesso aos saberes científicos, filosóficos e artísticos dos estudantes, como a separação entre uma educação popular e uma educação elitista.

Utilizamos nessa pesquisa o método regressivo elaborado pelo professor Silvio Gallo, para o ensino de filosofia, método em conversação com a filosofia deleuzeana. Esse método prever quatro passos:

- 1) escolher um texto ou uma parte de um texto de um filósofo; 2) ler esse texto com os estudantes; 3) evidenciar o conceito proposto pelo filósofo ali; 4) investigar o problema ou os problemas que moveram o filósofo a criar tal conceito. (GALLO, 2012, p. 114).

As parcerias interdisciplinares foram acrescentadas a concepção da filosofia como criação conceitual, e o ensino organizado pelo método regressivo, para que os professores de outras disciplinas tivessem subsídios para investigar temas que se apresentam no texto e que podem motivar a compreensão de temas que são desafios contemporâneos. Na organização escolar, há pouco espaço para o fazer juntos, isto

é, dois professores ao mesmo tempo em uma sala, por isso a necessidade de organização e planejamento da contribuição de cada professor que ocorrerá na aula de cada professor.

A perspectiva que adotamos para pensar e atuar no ensino de filosofia é aquela que proporcione o questionamento, a criticidade, a criação e autonomia de escrita dos estudantes. “O ensino de filosofia pode ser tomado em uma perspectiva ativa, que tenha por meta a emancipação intelectual daquele que aprende, a produção de singularidades, ainda que não seja possível controlar” (GALLO, 2012, p. 48), para que os estudantes não façam como os filósofos, mas com os filósofos em conversações que possam durar e mantê-los tensionados a pensar o novo. E isso deve ser efetivado em sala de aula como oficina de conceitos.

“A aula de filosofia, assim, deve ser vista como uma ‘oficina de conceitos’. Não uma sala de museu, na qual se contemplam conceitos criados há muito tempo e que são vistos como meras curiosidades, mas como um local de trabalho, onde os conceitos sejam ferramentas manipuláveis, como um laboratório, onde se façam experiências com os conceitos. Dessa forma, teremos na sala de aula a filosofia como uma atividade, como um processo, e não como um produto. Conceitos a serem criados, recriados, retomados, renovados, em lugar de conceitos sempre-já presentes a serem decorados para a próxima prova.” (GALLO, 2013, p. 214).

Esses foram os referenciais que colocamos em prática em dois Grupos: GTR e o GE, *online* e presencial, que colocamos à prova nas conversações com os professores que se disponibilizaram a participar dessa proposta do PDE.

3. Relato de experiência do Grupo de Trabalho em Rede e Grupo de Estudos

No Grupo de Trabalho em Rede, no primeiro semestre de 2017 iniciou com o seguinte questionamento: Será possível levar o texto clássico para ser lido em sala de aula no ensino médio na atualidade? Se você não acredita ser possível justifique o porquê? Os professores desse Grupo de trabalho em Rede de forma unânime escreveram que é possível e necessário o ensino de filosofia utilizando-se do texto clássico filosófico, principalmente após a iniciativa da SEED/PR, no projeto de tradução de textos filosóficos para serem trabalhados no ensino médio, a partir do livro *Antologia de textos filosóficos* e que possibilitou que todos as escolas paranaenses

tivessem, no mínimo quarenta exemplares desse material, podendo manusear se familiarizando com o livro físico. O referido material está disponível para ser acessado pela *internet*, porém com a precariedade da internet nas escolas, o material físico nos ajuda na realização da leitura em sala de aula, sem maiores transtornos da dependência da internet.

O acesso, a leitura dos textos nas aulas de filosofia, complementadas com saberes de outras disciplinas para a compreensão do contexto do material estudado, concretiza o que as DCE recomendam, o acesso aos conhecimentos produzidos historicamente. No entanto, não podemos deixar de lado as dificuldades inerentes à execução dessa proposta. O professor cursista Fábio, participante desse grupo (GTR) relatou o que ele percebe como dificuldade e ao mesmo tempo a importância desse trabalho com os textos em sala de aula:

penso que é imprescindível o uso dos textos filosóficos em sala de aula, porém, não é uma tarefa tão simples de ser levada a cabo. Por isso, precisamos pensar quais as formas de abordar o texto, pois não é possível pedir a leitura pura e simples dos textos completos por parte dos alunos, já que, em sua maioria, apresentam grandes dificuldades de leitura e compreensão - precisamos pensar em formas de levar a compreensão dos problemas tratados pelos autores (filósofos) ao nível dos estudantes do ensino médio. (Atividade 1 - Fórum: Relacionando teoria e prática por FABIO ANTULIO STANGUE - segunda, 10 Abr 2017, 10:51) <http://www3.e-escola.pr.gov.br/mod/forum/view.php?id=49719>

Os professores cursistas do GTR destacaram como principal dificuldade a falta de tempo para realizar esse trabalho de leitura, com duas aulas semanais de cinquenta minutos cada e também a falta de motivação dos estudantes para um trabalho que exige uma concentração maior, a dificuldade de estabelecer parcerias. Porém, mesmo com todas as dificuldades os professores cursistas relataram excelentes trabalhos com o uso da *Antologia de textos filosóficos* dialogando com professores de outras disciplinas e que deveriam ser publicados posteriormente para que possam servir de inspiração para professores que não realizaram o curso e participaram dessas conversações. Desses professores cursistas do GTR que realizaram trabalhos em suas escolas, uns fizeram uso dos mesmos textos indicados no projeto de intervenção, outros com diferentes textos filosóficos clássico, mas também inseridos nessa *Antologia*.

A filosofia enquanto disciplina na secretaria de educação do Paraná e por recomendação do Conselho Estadual de Educação está organizada em seis eixos estruturantes: Mito e filosofia; ética; política; filosofia da ciência; teoria do conhecimento; e estética. Os textos filosóficos selecionados para esse trabalho se relacionam com os eixos estruturantes da seguinte maneira: primeiro texto *Meditações Metafísicas* de Renè Descartes; segundo texto *Resposta à questão o que é esclarecimento* de Immanuel Kant; terceiro texto *Sobre a verdade e mentira no sentido extra-moral* de Friedrich Nietzsche; quarto texto *Mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos* de Voltaire. No primeiro texto o eixo estruturante apontado foi Teoria do Conhecimento; no segundo nos eixos Política e Ética; o terceiro Mito, Ética, Política, Estética e Filosofia da Ciência; e o último no eixo estruturante Ética e Política. Os professores cursistas do GTR e também os professores participantes do GE no Polivalente aceitaram os textos elencados como adequados para o trabalho proposto com estudantes do Ensino Médio.

A Filosofia está incluída nos cursos da UEL, mas os professores relataram que tiveram contato com a filosofia de forma estanque, ou seja, segundo a reflexão do grupo, não houve a integração efetivamente dos diversos departamentos, de modo que a inclusão ou diálogo entre os saberes se dá de forma fragmentada e pontual – por exemplo, a Filosofia no curso de Direito; ou ainda nos cursos de formação docente, nos quais há apenas apresentação de alguns filósofos e suas contribuições na educação, sem, contudo, construir caminhos para pensar sobre a prática interdisciplinar mediada pela Filosofia ou por outra disciplina.

No grupo de estudo presencial realizamos a leitura dos quatro textos filosóficos do livro *Antologia de Textos Filosóficos*. Os nomes dos filósofos e dos textos eram conhecidos dos professores, no entanto, nenhum professor havia lido anteriormente esses textos. O que a princípio seria um grupo para pensar estratégias para interdisciplinaridade, passou a ser um curso de formação continuada. Os professores descreveram como uma grande oportunidade o contato que o curso proporcionou com esses textos, de aprofundamento teórico e troca de saberes.

Ao se proporem a trabalhar de forma interdisciplinar o professor precisa se debruçar a conhecer minimamente como se organiza e qual a especificidade da disciplina do professor com quem irá trabalhar. Não como língua materna, mas como um aprendizado para estabelecer essa comunicabilidade entre profissionais de diferentes formações.

Apesar de os estudos de processos integrativos serem pequenos em número, os autores concordam em vários pontos. Tomar emprestado de outra disciplina exige assumir o que Janice Lauer chamou de 'encargo da compreensão'. É necessária uma compreensão mínima do seu mapa cognitivo, incluindo os conceitos básicos, modos de investigação, termos, categorias de observação, técnicas de representação, padrões de prova e tipos de explicação. Aprender uma disciplina a fim de praticá-la é, porém, diferente de usá-la para propósitos interdisciplinares. O domínio da disciplina denota conhecimento completo. O interdisciplinar exige adequação. Os que tomam algo emprestado não reivindicam expertise em todas as áreas. Eles identificam informações, conceitos ou teorias, métodos ou ferramentas relevantes para a compreensão de um problema particular, processo ou fenômeno. Além disso, não há nenhum Esperanto interdisciplinar. (...) A linguagem interdisciplinar normalmente evolui por meio do desenvolvimento de uma língua de comércio que se torna um *pidgin* – definido em linguística como uma língua provisória – ou um crioulo – uma nova primeira língua de uma comunidade. (KLEIN, 2005, s/p)

Essa disposição para esse “encargo da compreensão” os professores do colégio que participaram realizaram, se dispendo a conhecer essa língua provisórias, que são os conceitos filosóficos, para que trabalho possa ser planejado de forma interdisciplinar. Nessa disposição para o conhecimento para além de sua fronteira disciplinar os professores destacaram o filósofo Descartes com maior potência para o trabalho interdisciplinar, pois as disciplinas de estruturas de construção, física e matemática conseguiram vislumbrar um trabalho com esse autor, já o filósofo Nietzsche, a pesar de todo espanto e admiração inicial foi considerado o filósofo com maior complexidade e com maior dificuldade para o trabalho interdisciplinar na matemática e física, mas com muitas possibilidades para as disciplinas de linguagens: artes e língua portuguesa.

A professora do colégio Polivalente Nilda Rodrigues, participante do Grupo de estudo, relatou durante o curso e registrado posteriormente, como poderia propor uma ação interdisciplinar entre Filosofia e Sociologia:

Na disciplina de sociologia temos intenções e propostas de interdisciplinaridade em dialogam com Descartes com o texto - “Meditações – excertos das meditações 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª”, que ao abordar sobre o princípio racionalista expõe que “é preciso suspender o juízo de tudo que tinha por certo e adotar o ceticismo para combater o hábito de julgar as coisas antecipadamente, sem razões bem fundadas” - e o autor Emile Durkheim que em seu livro *As regras do método sociológico* esclarece a fim de construir uma análise sociológica que o fenômeno social deve ser tratado com “coisa”, ou

seja, que ao entender o fenômeno temos que seguir a regra, de velo como coisa: A coisa se opõe à ideia. (...) É coisa todo objeto do conhecimento que a inteligência não penetra de maneira natural (...) tudo o que o espírito não pode chegar a compreender senão sob a condição de sair de si mesmo, por meio da observação e da experimentação, passando progressivamente dos caracteres mais exteriores e mais imediatamente acessíveis para os menos visíveis e profundos (DURKHEIM, 1974).

O quadro anexo irá descrever como ocorreram as atividades por dia de curso e como se organizou o grupo de estudos presencial no Colégio Polivalente, com dia, carga horária e ação desenvolvida.

Considerações Finais

O trabalho com textos clássicos filosóficos com os estudantes de ensino médio de forma interdisciplinar demonstrou ser viável, porém exige uma organização do trabalho docente e disponibilidade para o trabalho em parcerias. Porém, o objetivo que a princípio seria na formação dos estudantes de ensino médio, que teriam a possibilidade de contato com os textos, parte dos saberes produzidos pela humanidade e qualificar escrita desses estudantes, demonstrou a necessidade dos professores se lançarem nas fronteiras para conhecer uma linguagem nova, mesmo que provisória, para conhecer minimamente como se organiza e qual a especificidade da disciplina do outro. Isso se configurou como uma verdadeira formação continuada, onde há o aprendizado efetivo e qualifica além da escrita dos estudantes, o debate conceitual entre os professores.

A SEED/PR deveria também proporcionar caderno de sugestão de atividades com as contribuições que os professores cursistas do PDE relataram na plataforma *MOODLE* no decorrer do curso online. São trabalhos que devem ser levados a público visando sempre a melhoria da educação de qualidade para os estudantes paranaenses.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho escolar.** <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32663>. Acessado em 14/11/2017.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei n.º 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **O Pacto.** http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5

CARNEIRO, Silvio Ricardo Gomes. **A Filosofia enquanto estudos e práticas** <http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/1073-a-filosofia-enquanto-estudos-e-praticas>. Acessado em 02/08/2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”:** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana/ Newton Duarte — 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea)

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

Ensino Médio: A reaproximação das “Duas Culturas” in Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. Vol. 7, n.º 2, 2007.

FAZENDA, Ivani C. A. (ORG.). **Didática e Interdisciplinaridade.** São Paulo: Papirus, 1998.

FAZENDA, Ivani C. A. (ORG.). **Metodologia da Pesquisa Educacional.** 12ª edição.

FAZENDA, Ivani C. A. (ORG.). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

GALLINA, S. O. **Ensino de Filosofia e a Criação de Conceitos.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 359-371, set./dez. 2004.

GALLO, S. **“Entre Kafka e Foucault: literatura menor e filosofia menor”.** In: PASSETTI, E. (Org.) Kafka, Foucault: sem medos. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

GALLO, S; KOHAN, W. **“Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio”**. In: GALLO, S; KOHAN, W (Org.). *Filosofia no ensino médio*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p.174 – 196.

GALLO, Sílvio. **“O ensino da filosofia e o pensamento conceitual”**. In *Filosofia e Formação*, vol.1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013, p. 214

GALLO, Silvio. **Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o ensino**

HARTMANN, Angela Maria; ZIMMERMANN, Erika. **O trabalho interdisciplinar no médio**. São Paulo: Papiros, 2012.

KLEIN, Julie Thompson. **Humanities, culture, and interdisciplinarity: the changing American academy**. Albany: State University of New York Press, 2005.

MARÇAL, Jairo (coordenador). **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Filosofia**. Curitiba: SEED, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação que temos e a educação que queremos**. In. IMBERNÓN, F. *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. São Paulo: Cortez, 2010.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências**. in FAZENDA, I. (ORG.). *O Que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.

Anexo

Período/ data	CH	AÇÃO
07/06/2017	4h	1.º Encontro: Exposição dos referencias teóricos que orientará o grupo de estudo e a compreensão dos conceitos de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda; os conceitos de filosofia e de aula por Gilles Deleuze e de ensino de filosofia por Silvio Gallo. Orientação a respeito da dinâmica da organização do grupo como formação continuada para os professores do PDE e dos integrantes do grupo.
09/06/2017	4h	2.º Encontro: Leitura coletiva e seleção conceitual do texto da Primeira Meditação Metafísica do filósofo René Descartes, inserido na Antologia de Textos Filosóficos da SEED/PR; debates e compreensão das potencialidades do referido texto em relação a interdisciplinaridade.
14/06/2017	4h	3.º Encontro: Leitura coletiva do texto “O que é a Ilustração” do filósofo Immanuel Kant, inserido na Antologia de Textos Filosóficos da SEED/PR, debate e compreensão das potencialidades do referido texto em relação a interdisciplinaridade.
21/06/2017	4h	4.º Encontro: Levantamento das diferenças e potencialidades dos dois textos estudados e as intenções de propostas de interdisciplinaridade que será realizado à distância em cada disciplina pelos professores participantes do grupo de estudos. (Matemática, Sociologia, História, Arte, Física, Filosofia, Edificações, Língua Portuguesa)
22/06 – 12/07/2017	16h	À <i>distância</i> - Formação de grupo na internet para continuidade dos debates iniciados no Grupo de estudos; troca de experiências, de referenciais teóricos e materiais de apoio. Pesquisas individuais dos integrantes do grupo de estudo e confecção coletiva do plano de Ação interdisciplinar.
23/06/2017	4h	5.º Encontro: Leitura coletiva do texto Verdade e Mentira no sentido extra-moral do filósofo Friedrich Nietzsche. Apresentação das sugestões e propostas dos cursistas do GTR para o Grupo de estudo da implementação pedagógica.
28/06/2017	4h	6.º Encontro: Continuação da leitura coletiva do texto Verdade e Mentira no sentido extra-moral do filósofo Friedrich Nietzsche e debate a respeito das potencialidades do referido texto.

30/06/2017	4h	7.º Encontro: Leitura do Texto do Voltaire “Mulheres obedeei a vossos maridos”, inseridos na Antologia de Textos filosóficos da SEED/PR, debate a respeito das potencialidades do referido texto.
05/07/2017	4h	8.º Encontro: Levantamento das diferenças e potencialidades dos quatro textos estudados e as intenções de propostas de interdisciplinaridade em cada disciplina dos professores participantes do grupo de estudos. (Matemática, Sociologia, História, Arte, Física, Filosofia, Edificações, Língua Portuguesa) e escolha do texto do filósofo Descartes para confecção do Plano de ação interdisciplinar.
07/07/2017	4h	Confecção de um plano de ação para futura implementação no colégio Polivalente.